

RACIONALIZAÇÃO E MUDANÇA SOCIAL EM MAX WEBER

*Luiz Renato Vieira**

Resumo

O objetivo deste artigo consiste em caracterizar o conceito de racionalização como aparece no esquema teórico de Max Weber, buscando articulá-lo a outras noções fundamentais do pensamento do autor. Será abordada a questão da multiplicidade do processo de racionalização a partir do estabelecimento da diferenciação dos tipos de racionalidade relacionados à teoria da ação social elaborada por Weber. Apresentar-se-á, em seguida, a concepção weberiana de mudança social, que deriva da construção teórica deste autor no tocante à relação indivíduo-sociedade. Mais do que demonstrar as críticas do autor alemão à noção de racionalidade as considerações que se seguem pretendem reafirmar a importância da interpretação "pessimista" de Max Weber como fundamento de uma crítica radical ao discurso sobre o potencial emancipador da modernidade.

O CONCEITO DE RACIONALIZAÇÃO EM MAX WEBER

Um dos principais focos de análise na obra de Max Weber é o processo de racionalização da civilização ocidental, orientando-se por uma crítica radical a qualquer noção evolucionista de história. Weber situa-se na tradição alemã do pensamento kantiano e da Escola Histórica, que concebe um dualismo entre ciências naturais e sociais, negando o positivismo em sua forma tradicional, na analogia proposta entre os métodos de abordagem da sociedade e da realidade natural¹.

Buscando construir um instrumental conceitual específico para a compreensão da sociedade, Weber investiga profundamente a trajetória do fundamento das ações humanas, das relações pessoais baseadas no tradicionalismo e no domínio dos sentimentos ao princípio da calculabilidade e do racionalismo abstrato. Embora a racionalidade sempre tenha sido um traço da ação humana, foi no ocidente capitalista que a calculabilidade passou a atuar como componente definitivo na orientação das condutas. É importante, porém, ressaltar que embora o surgimento do capitalismo no ocidente esteja

* Doutorando em Sociologia pela UnB.

1. Este artigo não se propõe detalhar o estudo das fontes do pensamento weberiano. Para a questão ver o minucioso exame de Gabriel Cohn em *Crítica e Resignação* (1979), parte 1.

intrinsecamente relacionado a uma ética fundamentada no ascetismo e na previsibilidade das ações, o racionalismo não é, para Weber, simplesmente um produto histórico ou esquema de pensamento característico de um dado período na história da humanidade. Stephen Kalberg aponta o fato de que:

“Opondo-se à Antropologia Francesa do século XIX, Weber argumentou que o homem não havia adquirido sua ‘racionalidade’ com o Iluminismo e que os indivíduos em todas as épocas anteriores não eram incapazes da ação racional. Ao contrário, as ações cotidianas do homem ‘primitivo’ já poderiam ser subjetivamente racionais conforme fins, como por exemplo, quando rituais religiosos específicos eram realizados com o objetivo de receber favores de um deus. Na ótica de Weber, esta pura relação de troca, como existia no sacrifício e na oração (...), era idêntica, em forma, ao cálculo do moderno homem de negócios ao buscar a maneira mais eficiente de adquirir lucro” (Kalberg, 1980: 1148, grifo no original).

Daí depreende-se que não é possível identificar o processo de racionalização, enquanto categoria analítica weberiana, com qualquer noção de tendência histórica. Ao contrário, o autor descarta sistematicamente as tentativas de inclusão de elementos metafísicos que indique sentidos inexoráveis no processo histórico, assim como não admite a predominância de qualquer ordem de fatores sobre as outras na sociedade.

Neste sentido, é possível afirmar que Max Weber atribui à categoria da racionalização amplitude suficiente para abarcar não apenas a ética econômica, conforme sua conhecida abordagem em **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**, mas também outras esferas do comportamento humano, aparentemente menos racionalizáveis.

É assim, por exemplo, que Max Weber situa o pensamento religioso contemporâneo na esfera da razão e do planejamento, o que, absolutamente, não significa afirmar a progressiva identificação da religião com outras esferas, por assim dizer, mais racionais. Se, por um lado, a religião não está destinada a ser inexoravelmente superada pelo pensamento secularizado, por outro, a noção do sobrenatural, do transcendente, não é incompatível com o projeto racionalizante de rotinização dos mecanismos de dominação na sociedade ocidental.

Sem dúvida, a religião aparece na modernidade como um dos processos fundamentais da disciplinarização dos interesses, formando um modelo racional e metódico de conduta, substituindo o “racionalismo prático primitivo”, em sua visão fragmentária e desconexa da realidade. E, se a disciplina pode ser considerada a base fundamental do processo de racionalização no ocidente, a ética protestante exerceu importante papel econômico à medida

em que apresentava justificativa às condições vigentes de estratificação social. Tal como ocorreu no surgimento do capitalismo no ocidente, as camadas privilegiadas" (...) transferem, então, esse valor (que lhes coloca em superioridade na hierarquia social) para algo que está além delas, para uma 'tarefa' que lhes foi atribuída por Deus. Uma das fontes do poder ideal das profecias éticas entre as camadas socialmente desfavorecidas está nesse fato" (Weber, 1982:320)

Em "A Psicologia Social das Religiões Mundiais", Weber analisa o processo de racionalização de algumas cosmologias religiosas, ou a relação entre o pensamento religioso e outras esferas da ação humana. Assim, Weber se interessa pela ética econômica das religiões que conseguiram reunir à sua volta milhões de crentes em todo o mundo. Por ética econômica o autor entende "os impulsos práticos de ação que se encontram nos contextos psicológicos e pragmáticos das religiões" (Weber, 1982:309).

Portanto, uma vez que trabalha com a noção de "esfera", buscando captar o grau de autonomia com que cada nível da sociedade opera, Max Weber identifica a multiplicidade do processo de racionalização. Embora o autor tenha atribuído especial lugar à religião em sua obra, a própria amplitude e a perspectiva não-linear do conceito de racionalização nos indicam a variedade das esferas da vida social envolvidas no processo de imposição do planejamento e da calculabilidade. Assim, como afirma Stephen Kalberg: "Os processos de racionalização podem ser encontrados também nas esferas estética e erótica" (Kalberg, 1980:1150).

Cumprido, neste momento, traçar algumas distinções com relação ao conceito de racionalização. Inicialmente, deve-se estabelecer um corte entre os aspectos objetivos e subjetivos que envolvem a razão. Como observa Jessé J.F. de Souza, os termos racionalidade e racionalismo situam-se no âmbito subjetivo da razão, enquanto a racionalização diz respeito ao âmbito exterior ao indivíduo, "fazendo menção a construções históricas, coletivas e objetivadas materialmente" (Souza, 1986:21).

Naturalmente, há uma relação de reciprocidade entre esses dois âmbitos, uma vez que as instituições sociais, constituídas a partir de um certo tipo de racionalidade, atuarão como elementos de constante reconstrução de racionalidades específicas, enquanto substratos da ação social.

O conceito de racionalidade torna-se mais operacional a partir da diferenciação estabelecida por Kalberg. Este autor identifica quatro tipos de racionalidade, relacionados com os quatro tipos de ação social: racionalidade prática, teórica, valorativa e formal. Com essa classificação, o autor busca demonstrar o "caráter polimorfo" do conceito de racionalidade, conforme a acepção weberiana. A "racionalidade prática" envolve o tipo de ação social que, tomando a rotina diária como um dado, procura adequar meios e fins aos interesses puramente pragmáticos e egoístas dos indivíduos.

Diferentemente da racionalidade prática, que envolve a subordinação dos indivíduos a realidades dadas, a "racionalidade teórica" visa à transcendência da realidade através de seu domínio consciente. Kalberg caracteriza sinteticamente esse tipo de racionalidade: "Em termos gerais, todos os processos cognitivos abstratos, em todas as suas formas ativas extensas, denotam racionalidade teórica" (Kalberg, 1980:1152).

A "racionalidade valorativa" está relacionada às ações racionais que se apóiam nos valores socialmente estabelecidos. As ações enraizadas nesse tipo de racionalidade sustentam-se em configurações de valores que apontam as direções do processo de racionalização. "Ocorre que estes padrões são obtidos a partir de certos saberes erigidos em postulados valorativos, implicando o dever-ser a possibilidade de que os homens orientam sua conduta por critérios que não os da racionalidade prática, ou de seus interesses imediatos" (Santos, 1988:24).

A "racionalidade formal" pressupõe um certo nível de institucionalização formal dos valores, referindo-se a regras universais. Seus campos mais específicos seriam as esferas da economia, do direito e da ciência. Naturalmente, esse tipo de racionalidade tem expressão privilegiada na burocracia, a mais "racional" forma de dominação.

O que nos interessa mais especificamente na delimitação dos tipos de racionalidade é destacar a importância dos valores, na obra de Max Weber, como elementos basilares para a orientação das condutas dos indivíduos. Veja-se que Weber não se refere a um processo de "coerção social" a partir dos valores vigentes, como diria Durkheim, mas à construção de um tipo específico de ação racional, que como tal envolve o poder de decisão do indivíduo frente a uma determinada gama de opções que lhe são apresentadas na dinâmica da vida social. Esta perspectiva teórica coaduna-se com a concepção de um indivíduo autônomo, mesmo que tal autonomia envolva diversos graus de complexidade nas decisões cotidianamente tomadas.

Esse nível de independência possível nas ações individuais caracteriza o que Weber chamou de "ação significativa", ou seja, a capacidade de se utilizar dos componentes que se articulam no ambiente social na definição dos fins a serem buscados e dos meios a serem utilizados nesta busca. Weber afirma:

*"Por acción debe entender-se una conducta humana (bien consista en un hacer externo o interno, ya en un omitir o permitir) siempre que el sujeto o los sujetos de la acción enlacen a ella un **sentido subjetivo**"* (Weber, 1964:05, grifos no original).

Existem, obviamente, os elementos de significação que estabelecem o vínculo da ação individual com os outros agentes sociais. Podemos mesmo

afirmar que as características individuais definem-se pela maneira como o indivíduo articula os elementos de significação que lhe são apresentados nos limites de sua cultura e de seu tempo. Temos, portanto, a afirmação da individualidade como entrecruzamento dos valores numa ordem racional, a partir de combinações individualizadas e originais de elementos pré-existentes. Assim, é possível imaginar-se a ruptura de determinados valores tradicionalmente aceitos uma vez que individualidades específicas tornam-se capazes de impor à coletividade sua forma particular de ação significativa, construindo condutas alternativas passíveis de serem amplamente aceitas.

A apreensão global da realidade social é impossível, segundo Max Weber. Esta apenas pode ser viabilizada pela delimitação, por parte do cientista, do aspecto que pretende analisar. Portanto, a apreensão do objeto é simultaneamente sua própria construção, ou a objetificação da realidade social. Este procedimento materializa-se na reconstrução conceitual da realidade social através dos tipos-ideais. Esses "exageros metodológicos" permitem ao cientista encadear as ações sociais formando as "correntes de significado", ou seja, o tipo-ideal permite a compreensão da ação social racionalmente, mesmo que a ação considerada envolva-se em irracionalidades.

Segundo Weber, é por meio da "compreensão" que se faz possível o entendimento da ação social, através da captação do sentido nela contido. Esta compreensão da ação torna-se possível ao se descobrirem as motivações que impulsionaram o agente para uma ou outra ação específica. Para o cientista social, na construção de seus instrumentos de análise, o motivo figura como a causa da ação. É essa noção de compreensão que atribui ao conceito de objetividade em Weber um estatuto especial. Weber propõe uma ciência social "em referência a valores", abandonando, portanto, qualquer pretensão de neutralidade científica. Afirma, isto sim, que o importante é que os pressupostos dos quais parte o cientista sejam rigorosamente apresentados. Não há uma negação ou pretensão de afastamento das "pré-noções", como diria Durkheim, mas algo como uma "objetivação da subjetividade", na medida em que o caráter científico de um trabalho é dado, segundo Weber, pelo rigor na exposição de seus conceitos instrumentais e pela articulação lógica desses instrumentos metodológicos.

Em termos históricos, Weber destacou a necessidade de classificar e comparar fatos sociais historicamente ocorridos, articulando-os com os fatos atuais, servindo assim como elemento de explicação causal: "Assim como para Max Weber a história se torna um meio para encontrar a clareza da consciência do real presente e do querer nele, ele procura a apreensão dos eventos passados como outros tantos presentes" (Jaspers, 1977:127).

Karl Jaspers chama a atenção para a interpretação weberiana da história, em que o passado converte-se em um outro presente, dotado de tal multiplicidade que pode ser analisado tendo em vista a possibilidade de que tivesse produzido outro tipo de consequência histórica. Isto é, à pesquisa

histórica cumpre esclarecer as condições em que, entre diversas opções, os fatos assumiram determinadas configurações. Isto só se torna possível na medida em que o pesquisador identifica as especificidades da história frente às "possibilidades objetivas" que se apresentavam no momento.

CARISMA E MUDANÇA SOCIAL

Em sua concepção de mudança social, Weber destaca a vontade carismática como sendo a única capaz de guiar a vontade coletiva, aglutinada em torno de valores comuns, ou seja, os sistemas de interpretação cosmológica, destacando-se aí a religião, estabelecem "correntes de significado" unindo em torno de certos valores as ações cotidianas. Não sendo exclusivo da esfera religiosa, esse poder aglutinador e orientador da conduta está também presente na política, na administração burocrática, no direito racional, na ciência etc.

Para Weber, o ponto central do carisma como elemento da mudança social reside em sua característica de extraordinário, de inovador. Evocando respeito e reunindo seguidores, o carisma adquire a autoridade voluntariamente respeitada, seguida e aceita, ou seja, uma forma de dominação que se diferencia do simples exercício do poder, em virtude de sua legitimidade. Os seguidores sentem que "(...) é dever dos que foram chamados para uma missão carismática reconhecer suas qualidades e agir de acordo com isso" (O'Dea, 1969:38). A dominação carismática não está integrada à rotina diária, e esse é o substrato desse tipo ideal de dominação, sendo alheia às instituições sociais até então estabelecidas. Os novos valores criados pelos líderes carismáticos são o conteúdo da racionalidade valorativa. Se a racionalidade valorativa é a única capaz de instituir novos e duráveis padrões de comportamento, a mudança dos padrões éticos tem nos líderes carismáticos seu sujeito principal. Isto é, a racionalização via criação de valores ligados às lideranças carismáticas aparece com o fenômeno central da mudança histórica.

Portanto, a mudança dos valores ocorre através de suas constantes atualizações nos esforços individuais pela atribuição de sentido ao mundo. Um tipo particular de subjetividade é capaz de renovar os valores, impondo novas relações de significação. Essa particularidade envolve ao mesmo tempo a capacidade de elaborar esquemas de significação capazes de atribuir sentido prático às ações dos outros agentes sociais e à obtenção de reconhecimento, frente ao contexto social para o qual dirige os novos valores, em relação a alguma característica excepcional capaz de destacar-se frente às rotinas estabelecidas.

Sem dúvida, a imposição de novos padrões de conduta articula-se com as relações de poder em que os valores aparecem como expressões de grupos sociais específicos. Logo, a possibilidade de generalização de novas orientações de conduta vincula-se também com a posição do grupo social cujo

estilo de vida adequa-se aos novos valores apresentados pelo líder. Os grupos sociais beneficiados de alguma forma pela ruptura das rotinas, a partir dos novos valores, se encarregariam em parte da difusão das condutas reveladas pelo líder. Na análise da lógica da dinâmica social em Weber poderíamos identificar como fatores fundamentais o surgimento de uma individualidade capaz de gerar novos sentidos para a realidade, a formação de uma comunidade integrada em torno desses novos sentidos e, o que é fundamental, a convergência dos interesses de grupos sociais com os novos valores, revelados pelo líder e sistematizados pelo quadro administrativo.

É importante destacarmos também a preocupação de Weber no sentido da caracterização da excepcionalidade que atribui ao indivíduo condições potenciais para o exercício da liderança. Assim, Weber aborda a questão do ponto de partida para que um agente social estabeleça novas relações de sentido passíveis de serem elementos de fragmentação das rotinas existentes, substituindo-as por outras. A característica excepcional atribuiria a um indivíduo específico uma legitimidade que o habilitaria a difundir um novo código frente à coletividade. Porém, isso não inclui Weber entre os pensadores que identificam nas massas um mero papel passivo na história. A partir da própria noção de indivíduo, anteriormente apresentada, percebe-se que o líder estrutura-se como operador de mudanças sociais enquanto agenciador das vontades coletivas e na medida em que consegue empatia com elas.

Por isso é que em Weber os fenômenos carismáticos são instáveis e temporários, sendo a rotinização a única possibilidade de sua perpetuação, transformando-os em estruturas institucionalizadas ou integrando-os às já existentes. Em função da transitoriedade da dominação carismática, pela sua característica de excepcionalidade, faz-se necessária a sua cristalização em dominação, do tipo tradicional ou racional-legal. Todo estudo da mudança social em Weber, portanto, deve tomar como eixo central o processo de rotinização do carisma, que em sua obra se define como um tipo-ideal. Assim, nosso autor percebe a mudança sempre através de ótica da ação carismática e de sua rotinização. Desta forma, ao mesmo tempo em que identifica o fato histórico, objetiva-o através do "tipo-ideal" como instrumento metodológico.

Como observamos acima, a rotinização do carisma pode tomar o caminho do tradicional ou do racional-legal, dando origem a essas outras formas de autoridade. É nesse ponto que Weber ressalta o papel do sagrado no controle social, reforçando as normas e as estruturas de dominação. A autoridade é fundada na "experiência transcendental" e estende-se desta às estruturas sociais num sentido mais amplo. As religiões mundiais ou racionalizadas, como afirma Weber, derivam da experiência dos seguidores de homens extraordinários, os líderes carismáticos. Nas palavras de Weber: "Em toda parte a hierocracia buscou monopolizar a administração dos valores religiosos. Buscou também proporcionar e controlar a atribuição de bens religiosos, na forma de 'graça' sacramental ou 'corporada', que só podia ser atribuída ritualmente pelos sacerdotes e não podia ser alcançada pelo

indivíduo" (Weber, 1982:326). A rotinização do carisma religioso vai do abandono das práticas mágicas e do seguimento dos profetas à formação de um "quadro administrativo" que praticamente se limita a transmitir os ensinamentos religiosos, orientando a racionalidade social segundo os princípios religiosos já "revelados", formalizados pela tradição.

O ponto de maior relevância no esquema teórico weberiano, no tocante à dinâmica dos valores que orientam as ações, pode ser resumido em dois aspectos centrais: inicialmente destaca-se a questão da mudança de padrões de conduta a partir de indivíduos dotados de capacidade tidas como excepcionais. O segundo ponto consiste no processo que se dá a partir da ausência do líder, com a afirmação das mudanças implementadas em função da transformação da base de veracidade dos enunciados, da liderança carismática para a autoridade atribuída pela normatização ou tradição.

Na concepção weberiana, a burocracia corporifica e sintetiza todo o sistema racional de dominação da natureza e de controle social. Se o mundo regido pelo tradicional pode ser definido como o lugar em que as regras estabelecidas passam despercebidas, impõem-se por si mesmas, o ocidente moderno caminha justamente para a ruptura com esse universo. O homem, que no mundo tradicional integrava-se ao cosmos como componente da ordem natural e interagia com os outros elementos dessa ordem, atribuindo assim sentido às suas ações, assume uma postura ofensiva na modernidade. Toma por base o cálculo e visa a ações pragmáticas. Aquilo que de alguma forma ligava-se à noção tradicional de destino, na modernidade transforma-se em questão objetiva, derivada da adequação ou não dos meios aos fins pretendidos.

Max Weber, cuja relação com o pensamento de Nietzsche foi apontada por diversos autores² questiona profundamente a razão moderna e o imaginário por ela constituído, em sua pretensão de absoluto controle sobre as condições naturais e sociais. A crítica aflora, no pensamento weberiano, no questionamento dos determinismos e da inexorabilidade da superação dos conflitos através da razão, pelo menos na forma que esta assumiu na modernidade. Nesta perspectiva, Weber descarta qualquer certeza no futuro, na ciência, na história e no Estado³.

2. Veja-se, especialmente, o artigo de Karl Jaspers, "Weber e Nietzsche" (1977), e o capítulo "Weber, Nietzsche e a crítica dos valores" em Gabriel Cohn, *Crítica e Resignação* (1979).

3. Em **Tudo que é Sólido Desmancha no Ar** (1987), Marshall Berman situa essa visão "apocalíptica" de Weber no contexto dos pensadores do século XX, que, a seu ver, abandonaram uma interpretação entusiástica da modernidade, embora identifique uma perspectiva "mais dialética" nos últimos ensaios do autor alemão. Para uma análise da concepção weberiana da modernidade, argumentando que esta não pode ser reduzida ao pessimismo ver Souza, "A Terapia Weberiana da Modernização" (1986).

Em sua análise do papel da ética protestante na imposição de uma conduta racional baseada no ascetismo, fundamental para o desenvolvimento das relações econômicas capitalistas, Max Weber demonstra como a racionalidade econômica impôs uma nova ordem a outras esferas de comportamento.

A interpretação de Weber sobre a modernidade, que aqui abordamos de maneira sumariíssima, constitui uma análise sempre atual, sob diversos aspectos. O "ceticismo" weberiano é um contraponto bem fundamentado às ilusões que freqüentemente acompanham o discurso - muitas vezes acrítico e apaixonado - de defesa da modernidade e de seu potencial emancipador. Nunca é demais lembrar que a conclusão de **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo** lança em uma saudável dúvida aqueles que buscam na teoria a construção do "porto seguro" da história. Se, por um lado, é desolador o quadro da modernidade descrito por Weber, ao mesmo tempo sua obra é a reafirmação da autonomia do indivíduo e da noção de vocação como pedra angular da constituição de uma ética da responsabilidade.

BIBLIOGRAFIA

- BERMAN, Marshall. 1987. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. 5ª edição, Ed. Companhia das Letras, São Paulo.
- COHN, Gabriel. 1979. *Crítica e Resignação: os fundamentos da sociologia de Max Weber*. Ed. T.A. Queirós, São Paulo.
- FLEISCHMANN, Eugène. 1977. "Weber e Nietzsche" in COHN, Gabriel (org.) *Sociologia: para ler os clássicos*. Ed. Livros Técnicos e Científicos, Rio de Janeiro.
- JASPERS, Karl. 1977. "Método e Visão de Mundo em Weber" in COHN, Gabriel (org.) *Sociologia: para ler os clássicos*. Ed. Livros Técnicos e Científicos, Rio de Janeiro.
- KALBERG, Stephen. "Max Weber's Types of Rationality: Cornerstones for the Analysis of Rationalization Process in History", *American Journal of Sociology*. V. 85, nº 5.
- O'DEA, Thomas. 1969. *Sociologia da Religião*. Ed. Pioneira, São Paulo.
- SANTOS, Eurico Gonzales Cursino dos. 1988. "As Idéias e a Dinâmica Social na Sociologia das Religiões de Max Weber", Dissertação de Mestrado em Sociologia, Universidade de Brasília.
- SOUZA, Jessé José Freire de. 1986. "O Desespero da Vontade; Uma

Interpretação do Carisma em Weber", Dissertação de Mestrado em Sociologia, Universidade de Brasília.

_____ 1989. A terapia Weberiana da Modernização" in *Revista Sociedade e Estado*, v. 4n. 2, Depto. de Sociologia da Universidade de Brasília.

WEBER, Max. 1964. *Economia y Sociedad: Esbozo de Sociologia Compreensiva*, Ed Fondo de Cultura Economica, México. 1982. *Ensaio de Sociologia*, Ed. Guanabara, 5ª edição, Rio de Janeiro. 1986. "A 'Objetividade' do Conhecimento nas Ciências Sociais" in COHN, G. (org.) *Weber - Sociologia*, Ed. Atica São Paulo. 1981. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, 2ª edição, Ed. Pioneira, Brasília.